

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
COMPARADA**

FELIPE LEME XAVIER AUGUSTO
Nº USP: 13745047
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS II (FLT0124-2022222)

DIÁRIOS DE BORDO
A MORTE DO AUTOR E CONTINUIDADE DOS PARQUES

Versão original

São Paulo
2022

O primeiro texto que escolhi para compor esse diário de bordo foi um ensaio escrito por Roland Barthes, escritor francês, com o título de "A morte do autor". Ao terminar de ler este texto pela primeira vez, para então as discussões em sala de aula, escrevi minhas primeiras impressões em um caderno e, também, procurei listar todas as referências por ele feitas, com o intuito de procurar saber sobre certos autores e conceitos dos quais não sou familiarizado. Dessa forma, quando voltei ao texto depois de tê-lo lido pela primeira vez, e após ter pesquisado alguns pontos, a leitura tornou-se ainda mais proveitosa e interessante. No entanto, li o ensaio de Barthes praticamente antes de dormir, o que eu penso que talvez tenha contribuído para uma distração maior nessa minha primeira leitura. Ainda assim, essa experiência, antes da aula, me trouxe a impressão de que não existe um esgotamento de sentido em nenhuma leitura, porque não há um fim, precisamente, nos sentidos que se podem apreender, e não existe um destino prévio a ser percorrido, portanto, múltiplos caminhos de interpretação são possíveis em um mesmo texto. Acredito que por esse motivo, o ensaio me provocou reflexões interessantes e me instigou a lê-lo novamente, especialmente após a aula do dia 13/09, que trouxe muitas contribuições e leituras diversas, permitindo, assim, uma expansão no sentido do texto para mim.

"A morte do autor" foi discutido em sala de aula e achei interessante a perspectiva histórica trazida pelo professor Marcos Natali no que se refere ao prestígio do nome do autor. Tendo em vista a afirmação de Barthes de que o autor é uma personagem moderna, o que foi discutido é que com o desenvolvimento da ciência em suas diferentes áreas, em certos textos mais científicos, o nome do autor passa a ser menos importante do que já foi. Enquanto isso, no caso da literatura, o processo parece ser inverso e o nome do autor passa a ser mais importante. No ensaio de Barthes, ele atribui a produção desse personagem autor ao período do final da Idade Média, "com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma" (2004, p. 1), que descobriu o prestígio do indivíduo humano, atribuindo também ao positivismo ("resumo e desfecho da ideologia capitalista", p. 1) essa importância da "pessoa do autor".

Outro ponto que também pode se relacionar com esse assunto são as variações nas noções de autor, e autoria, ao longo da história, assim como a variação a depender do(s) gênero(s) do(s) texto(s). O que faz lembrar da minha disciplina de Introdução aos Estudos Clássicos, em que há textos que chegaram até

nós do período da Antiguidade, considerados clássicos, como as obras atribuídas a Homero, e não se sabe se este autor sequer existiu (ou se foram várias pessoas que escreveram a *Iliada* e a *Odisséia*), porém, faz-se necessário na modernidade atribuímos as obras a um autor específico, demonstrando a importância do indivíduo.

Um exemplo trazido pelo professor em sala de aula, também sobre a questão de autoria, refere-se a Elena Ferrante, pseudônimo de uma escritora italiana contemporânea. Há uma insistência, neste caso, a perguntas como: "Quem é a verdadeira Elena Ferrante?" e "Quem escreveu de fato esse livro?", que demonstram a persistência na noção de autor e a dependência de uma ideia de Autor (como criador, Deus). Ao invés destas perguntas, o professor propôs algumas outras que podem ser mais interessantes: "Qual a concepção de autoria que circula com esse ou aquele texto?", "Como nós entendemos a autoria em textos religiosos, ou em textos de outros gêneros?", etc.

Ainda neste tema, uma colega de sala perguntou ao professor se a criação de pseudônimos por parte dos escritores não poderia ser uma forma de propositalmente desvincular seu nome e sua autoria de sua obra. Respondendo a aluna, o professor expressou que talvez seja mesmo intencional por parte dos autores, como uma forma de intervir de outra maneira na recepção das obras, e também pode ser uma resposta ao poder do autor e o reconhecimento de que o nome do autor altera a leitura. Alguns exemplos trazidos por ele exemplificam muito bem essa questão, como quando as escritoras do séc. XIX assinavam sob formas "masculinas" e até mesmo em casos recentes, o uso de abreviações parece neutralizar o gênero feminino no caso da escritora de Harry Potter: "J. K. Rowling". Isso também se relaciona, na minha opinião, a questões de poder e ao machismo estrutural da nossa sociedade.

A partir dessas e outras reflexões trazidas em sala de aula, voltei ao texto para a releitura, depois de ter pesquisado alguns autores (como Mallarmé, Thomas de Quincey...) e alguns conceitos e palavras (como empirismo inglês, hipóstases...), que me fizeram ter uma compreensão melhor do texto. As menções ao Surrealismo, que de certa forma contribuíram para dessacralizar a imagem do autor, me interessaram muito, inclusive, depois, procurei alguns filmes surrealistas para assistir. Dessa forma, o final do texto expressa de forma bem sintética as ideias

proferidas por Barthes, das quais eu simpatizo: "(...)o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor." (2004, p. 6).

O segundo texto que escolhi para compor este diário de bordo foi um conto, escrito por Julio Cortázar, chamado "A continuidade dos parques". Recordo-me muito bem da minha primeira leitura deste conto, primeiramente, pela forma como fui afetado ao terminar a leitura, de modo que eu não entendi claramente o seu desfecho. Além disso, a maneira como o narrador descreve as cenas de forma muito particular, com um foco nos ambientes ao redor do homem, e também, como a transição narrativa do homem que lê os últimos capítulos de um romance para a história do romance que ele lê, acontece tão naturalmente. Com isso, acredito que fui absorvido pela leitura, tal qual o personagem do conto.

Ao terminar a minha primeira leitura, o desfecho do conto trouxe um elemento extraordinário ao texto: o personagem da história do romance que o homem lia (o amante de uma mulher, que anteriormente ele havia se despedido) o encontra em seu quarto, sentado em sua poltrona de veludo verde e lendo este mesmo romance (em que o personagem parece ter saído da história e se materializado indo ao encontro do leitor). Este elemento arrancou-me uma expressão de surpresa (quase como a expressão: "fiquei de queixo caído!"), porque, de certa forma, além de ser algo "impossível", eu entendi de outra maneira do que posteriormente eu viria a entender ao voltar ao texto, depois da aula em que ele foi discutido. Para mim, o encontro do personagem com o leitor queria exprimir algo como a união dos dois, ou alguma outra coisa que eu não entendi ao certo. Entretanto, durante a aula, o professor Marcos Natali disse que o personagem do romance possuía uma arma, e que esse encontro (que acaba com o amante da história vendo o homem leitor em sua poltrona, de costas para a porta) resultaria, ou indicaria, o assassinato do leitor. Dessa forma, eu senti que precisava voltar a leitura, não apenas porque não tinha entendido desta maneira, como pela vontade da releitura de um texto tão interessante.

Assim, quando voltei ao conto de Cortázar, procurei pelo elemento que indicaria que o personagem do amante estaria portando uma arma. Compreendi, então, que a arma era referida como "punhal", palavra que eu não associei a uma arma na primeira leitura, e que me trouxe o sentido que expressara o professor na

sala de aula. Portanto, com essa segunda leitura, minha interpretação mudou, principalmente no que se refere ao final do conto. Tive a impressão de que essa minha segunda leitura foi, na verdade, uma primeira leitura, porque apesar de eu já ter lido anteriormente, os sentidos apreendidos foram completamente novos.

Li o texto novamente, pela terceira vez (ou segunda), com o intuito de fazer uma leitura menos preocupada em achar o elemento que eu não tinha me atentado anteriormente (a presença de uma arma com o amante), e acredito que esta tenha sido a leitura mais proveitosa, na qual eu tive, também, novas interpretações.

Em um caminho de leitura, pensei que o homem leitor poderia ser o marido da mulher com quem o personagem do romance havia encontrado na cabana do mato (considerando que ele é referido como "o amante"), e desse modo, o personagem teria o desejo de acabar com o relacionamento dos dois (do leitor com a personagem) para poder ser livre com a mulher.

Entretanto, o cunho fantástico ou extraordinário do conto não seria anulado por isso (e nem precisaria ser), fazendo com que seja possível criar muitas leituras diversas sobre o mesmo texto, especialmente porque o conto acaba sem dar uma "resolução" para a história – há apenas o encontro inesperado do personagem do romance com o leitor. Por isso, o conto de Cortázar relaciona-se ao primeiro texto escolhido para estes diários de bordo. Barthes, em "A morte do autor" (2004, p. 6), afirma no final que: "(...), para devolver à escrita o seu devir, é preciso inverter o seu mito: o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor". Tal constatação parece refletir o que este conto propõe, ou o que causa ao lê-lo, porque o autor é afastado para priorizar, justamente, o(s) leitor(es) e a(s) leitura(s), os diferentes caminhos possíveis, e talvez, infinitos, a serem percorridos. Essa liberdade, aliada ao elemento fantástico, tornaram o conto muito prazeroso e intenso para mim. Ao final dessas leituras, procurei outros textos do Cortázar porque me interessei muito pela escrita dele. Assim, acabei lendo um outro conto dele, chamado "A casa tomada", mas essa história é assunto para outro diário.

Bibliografia

A MORTE DO AUTOR. *In*: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 1-6.

CONTINUIDADE DOS PARQUES. CORTÁZAR, Julio